

As lembranças da menina do Escurial¹

Jeferson Augusto da Cruz²

263

Há doze anos, em janeiro de 2005, para ser mais preciso, a historiografia sergipana foi presenteada com a publicação do livro *Memórias de Dona Sinhá* (Typografia Editorial) de Samuel Barros de Medeiros Albuquerque. A obra, fruto de sua monografia no Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, apresentava fragmentos da vida de Aurélia Dias Rollemberg, sergipana nascida em meados do século XIX, filha de Antônio Dias Coelho e Mello, o Barão da Estância e Dona Lourença de Almeida Dias Mello – pertencia, portanto, a uma família aristocrática da então Província de Sergipe.

Pernambucano por nascimento e sergipano por conhecimento, Samuel Albuquerque colheu detalhes do cotidiano de Dona Sinhá, graças a um pequeno caderno de anotações que continha suas memórias, cotejando-o com referências bibliográficas que versavam, principalmente, sobre a História das Mulheres. Sob a concisa orientação da professora Tereziinha Oliva, tecia-se um primoroso trabalho acadêmico que não deveria, de fato, ficar nas empoeiradas prateleiras das bibliotecas universitárias.

Mais de uma década se passou, e as lembranças da “Menina do Escurial” nos são apresentadas, mais uma vez, por meio das páginas de *Nas Memórias de Aurélia: cotidiano feminino no Rio de Janeiro do século XIX* (Editora UFS). Nessa obra, Samuel Albuquerque escolheu um dos momentos mais interessantes da trajetória de Dona Sinhá: a temporada que ela e sua família passaram na Corte do Brasil Império no ano de 1879.

Por meio de leitura e análise de obras escritas por importantes intelectuais que se debruçaram sobre os oitocentos no Brasil, o autor dá vida às nuances vividas por sua personagem, e isso nos conecta de tal forma à leitura, que a sensação é de estar vivenciando todos os momentos ao lado

1 ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. *Nas Memórias de Aurélia: cotidiano feminino no Rio de Janeiro do século XIX*. São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

2 Graduado em História pela Faculdade José Augusto Vieira (FJAV), Graduando em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Mestre em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

de Aurélia, desde sua saída da pequena e tímida Aracaju até sua chegada à fervilhante São Sebastião do Rio de Janeiro.

Outra faceta louvável do autor, em sua nova obra, é a de recriar, com fidelidade, a narrativa de Aurélia e da mensuração das fontes bibliográficas, a atmosfera do Rio oitocentista, enfatizando suas sociabilidades, o burburinho das ruas, a arquitetura, as formas de “bem morar” da elite política, as cerimônias da Corte e a celebrações da religião Católica durante a Semana Santa.

Houve uma personagem digna de nota na vida de Aurélia e de sua irmã Ana, que não poderia ficar nos bastidores – nem deveria – desta obra. Refiro-me à preceptora prussiana Marie Lassius, educadora que possuiu uma presença marcante na família do Barão da Estância, chegando a ser chamada de “Vovó alemã” por suas pupilas. Munindo-se de documentos sobre Ina Von Binzer, outra preceptora germânica que esteve em terras cariocas, dez anos antes, Samuel Albuquerque realizou comparações do olhar de ambas sobre a cidade do Rio de Janeiro, mostrando, assim, a diferença que existia entre os pontos de vista de uma e outra.

Graças aos ensinamentos de sua mestra europeia, as filhas do Barão e de Dona Lourença puderam vivenciar, mesmo que com certa timidez, a vida social do “reino encantado de Dom Pedro II”, a exemplo do ir e vir da Rua do Ouvidor, as visitas à modista francesa, os passeios pela praia de Botafogo, as recepções organizadas pelos pais, a convivência com algumas pessoas da vizinhança. No entanto, nada retirava de Aurélia as saudades do seu “reino do Escorial”, o lugar a que pertencia desde o nascimento.

Sob o olhar dessa sergipana e a escrita leve de Samuel Albuquerque, nos são apresentados os rituais da monarquia brasileira. Por ser seu pai deputado geral do Império, Aurélia vivenciou alguns dos momentos em que o imperador D. Pedro II, a imperatriz Tereza Cristina e todo séquito da Corte se revestiam de pompa e circunstância. Trata-se da abertura e do fechamento do ano legislativo. Foram nesses únicos momentos que o soberano dos trópicos poderia ser visto portando a coroa imperial, o cetro, a espada e todas as vestes majestáticas. Tais acontecimentos chamaram a atenção da menina fazendo com que, anos depois, escrevesse, em seu caderno, todas as suas impressões e memórias.

Por fim, ao ler a obra de Samuel Albuquerque, tem-se a sensação de fazer parte da comitiva do Barão da Estância indo ao Rio de Janeiro, de perscrutar, com Dona Lourença, Marie Lassius e as meninas, a concorrida Rua do Ouvidor, olhando, em suas vitrines, a moda do momento. Alguns poderão, talvez, sentir o olhar observador da menina Aurélia, guardando suas lembranças para mais tarde escrever suas memórias.

